

Lucília Garcez

Eu me lembro do vovô Hermé

ilustrações: Romont Willy



Texto © Lucília Garcez
Ilustração © Romont Willy

Diretor editorial Projeto gráfico e diagramação
Marcelo Duarte *Marcello Araujo*

Diretora comercial Revisão
Patth Pachas *Ana Maria Latgé*

Diretora de projetos especiais Impressão
Tatiana Fulas *BMF*

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Garcez, Lucília
Eu me lembro do vovô Hermé / Lucília Garcez; ilustração Romont
Willy. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2019. 40 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-711-7

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Willy, Romont. II. Título.
Bibliotecária: Meri Gleice R. de Souza – CRB-7/6439

18-50941

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2019

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



*Para Kael, Laila e Ísis,
as lembranças do vovô Hermé.*





Ele se chamava Hermenegildo.

Sua mãe tinha escolhido esse nome porque vinha da língua alemã e significava “aquele que faz grande sacrifício”. Era um nome muito antigo e muito grande, difícil de falar.

As pessoas gostavam de chamá-lo de Gildo, de Gigi, de Negildo, de Nenê, de Memê, de Hermé. Cada amigo escolhia o apelido de sua preferência. Eu gostava de chamá-lo de vovô Hermé.

Eu me lembro. Esfolei meu joelho numa queda de patinete. Saía um pouco de sangue. Eu estava no colo do vovô Hermé, e enquanto ele passava algodão com mercúrio no machucado, me ensinou:

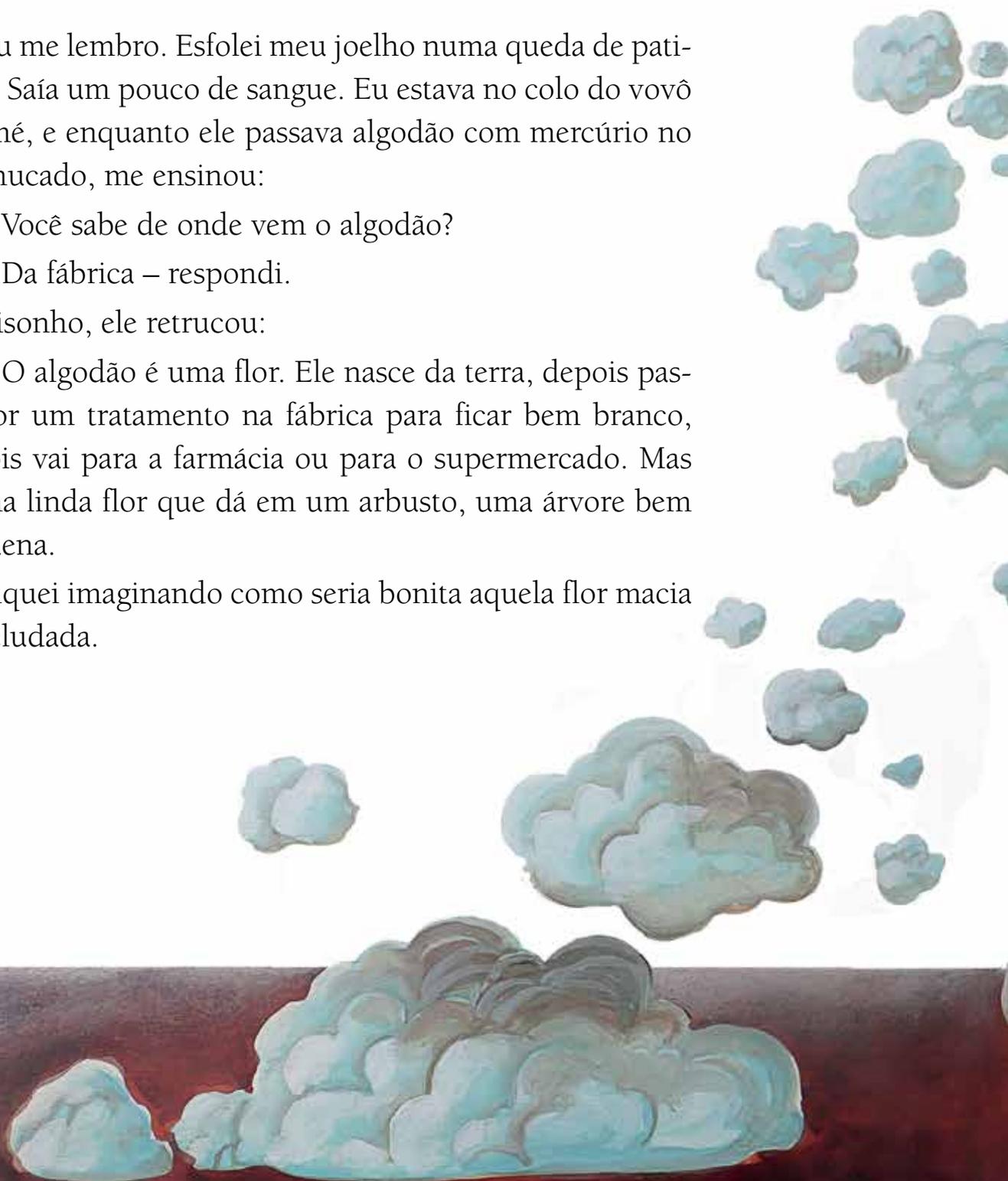
– Você sabe de onde vem o algodão?

– Da fábrica – respondi.

Risonho, ele retrucou:

– O algodão é uma flor. Ele nasce da terra, depois passa por um tratamento na fábrica para ficar bem branco, depois vai para a farmácia ou para o supermercado. Mas é uma linda flor que dá em um arbusto, uma árvore bem pequena.

Fiquei imaginando como seria bonita aquela flor macia e aveludada.





Eu me lembro que um dia ele chegou com muitos pacotes e foi colocando cada um em seu devido lugar: a farinha na despensa, o sabão na área de serviço, as frutas na fruteira da cozinha, os livros na biblioteca e, muito distraído, perdeu o pacote com os sapatos que tinha trazido do sapateiro.

Depois, ficou a tarde inteira procurando por eles. Andava pela casa sem parar, remexendo em todos os lugares. Chamou a família inteira para ajudá-lo. Procuramos em todos os cantos da casa, da garagem, do sótão, do jardim. Foi vovó Naná que, abrindo a geladeira ao buscar ovos para o jantar, encontrou aquele pacote esquisito na prateleira.

– Achei, achei seus sapatos, Hermé!!!! – gritou, rindo feliz.





Eu me lembro que ele me levava para pescar no lago da nossa cidade. Preparava as iscas com pedacinhos bem pequenos de carne, arrumava as varas e os anzóis. Tínhamos sempre um balde para trazer os peixes.

Às margens do lago, nos sentávamos bem quietinhos na sombra de uma grande árvore; em silêncio, jogávamos nossas linhas com anzóis cheios de isca e ficávamos esperando, esperando. Cada puxadinha na linha nos deixava atentos para ver se o peixe tinha mesmo sido preso pelo anzol.

Voltávamos felizes para casa e vovó Naná fritava os peixes para o jantar. Vovô Hermé me ensinou a ter paciência.

Eu me lembro que um dia o vovô foi colocar o lixo para fora e, sempre distraído, jogou a chave da casa na calçada e trouxe o lixo para dentro de casa novamente.

Vovó Naná queria trancar a porta. Ficamos horas procurando as chaves, até que ele se lembrou de levar o lixo outra vez. Quando ia colocar o lixo na calçada, achou as chaves perdidas.





Eu me lembro de uma vez que fomos passar uns dias no sítio de um tio. Arrumamos a bagagem toda na velha caminhonete. Ele reclamou que não cruzava com ninguém pelo caminho, que a estrada era muito isolada, que não aparecia uma alma.

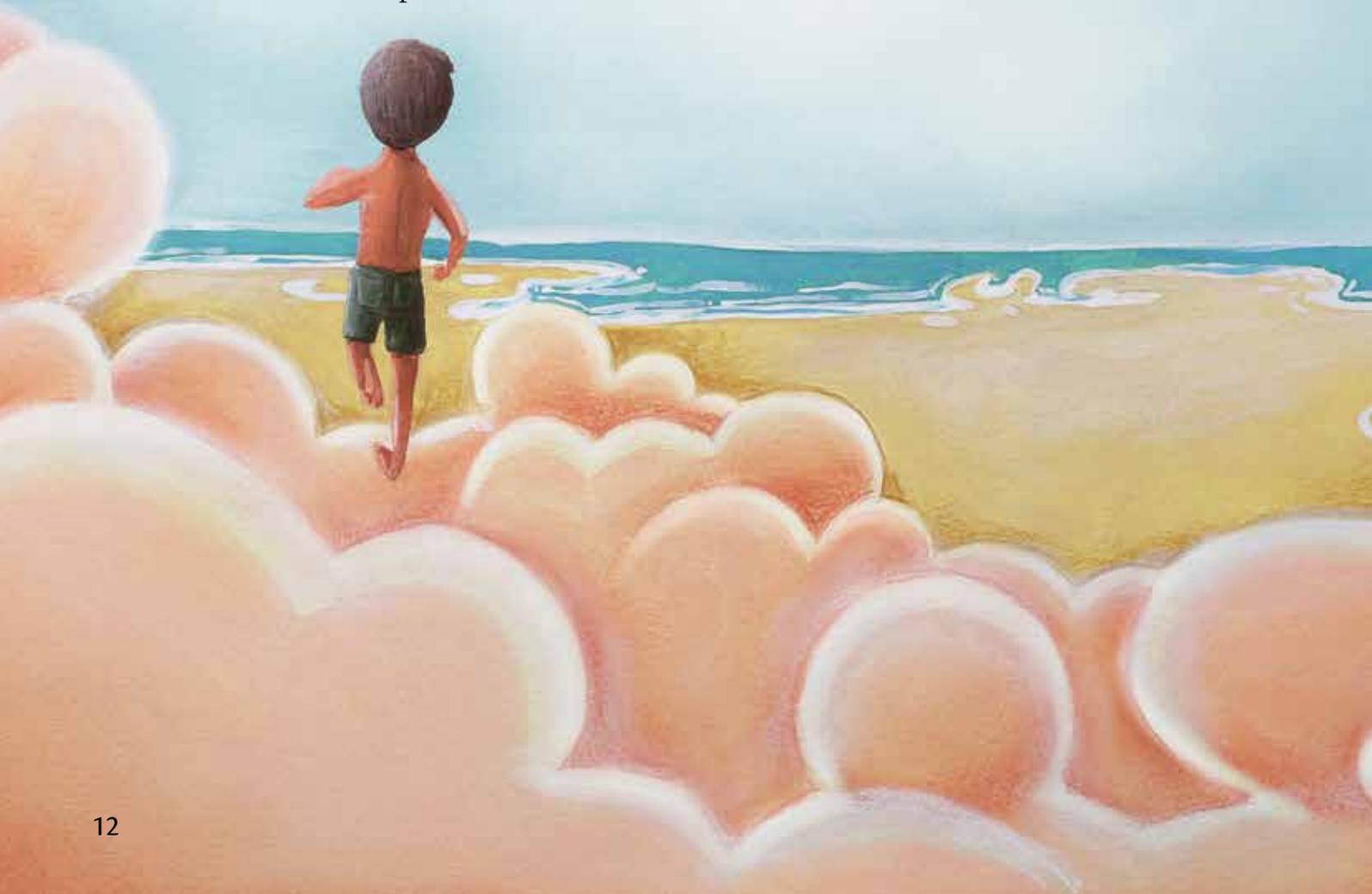
Já íamos longe quando percebemos que as malas tinham caído pelas estradas poeirentas. Vovô Hermé se esquecera de trancar a porta do bagageiro e, com os solavancos, as malas foram pulando para fora. Tivemos que voltar e ir resgatando, pouco a pouco, a bagagem perdida pelo trajeto. Ele disse, então:

– Que maravilha que ninguém passa por essa estrada.

Eu me lembro de quando ele me levou para ver pela primeira vez o mar. Nós morávamos longe das praias e eu nunca tinha visto o mar. Viajamos muito com ele ao volante do carro.

Quando chegamos ao litoral, fomos direto para a praia. Que maravilha! Eu não conseguia imaginar nada tão bonito. Fiquei com falta de ar de tanta beleza. Disparei correndo ao encontro das ondas.

Vovô Hermé não gostava de entrar no mar e insistiu em caminhar na areia de sapatos e meias. Era a única pessoa calçada naquela praia imensa. Ele não suportava o toque da areia nos pés.





Eu me lembro que vovô Hermé gostava de sair para dar uma caminhada pela rua, mas quase sempre se esquecia de levar a chave da casa. Quando voltava e não tinha ninguém para abrir a porta, ficava do lado de fora esperando que a primeira pessoa da família chegasse para poder entrar. Sempre dizia:

– Sabia que você estava chegando e fiquei te esperando aqui fora.





Eu me lembro que uma vez vovô tirou o carro da garagem onde a lavadeira tinha pendurado roupas para secar, pois estava chovendo. A antena do carro pescou uma cueca e ele passeou pela cidade inteira com a cueca esvoaçando. Somente quando voltou para casa é que percebeu o que tinha acontecido. Disse risonho:

– É a minha bandeira revolucionária!